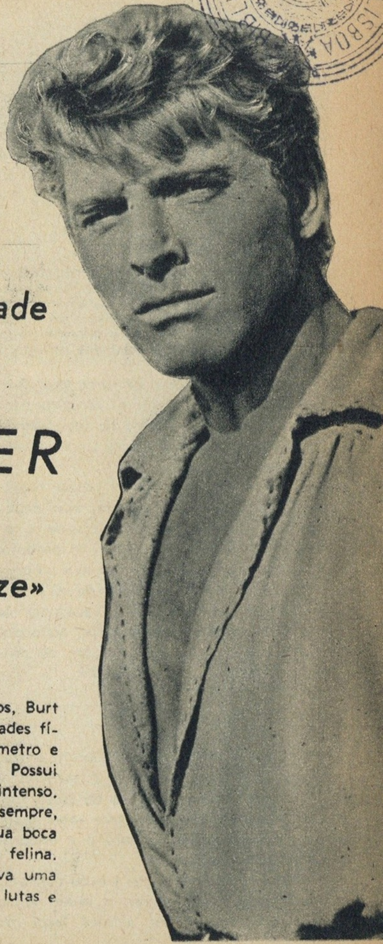

Burt
Lancaster

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA E IMPRESSÃO OFFSET DA FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

ÁLBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 8.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



Aos 44 anos de idade BURT LANCASTER continua a ser o «homem de bronze» da América!

APESAR dos seus quarenta e quatro anos, Burt Lancaster mantém as invejáveis qualidades físicas de um atleta perfeito. Mede 1 metro e 85 centímetros de altura e pesa 92 quilos. Possui cabelos ruivos e olhos grandes de um azul intenso. Quando sorri — e Burt Lancaster sorri quase sempre, mesmo nos momentos mais amargos — a sua boca firme exibe uma dentadura perfeita, quase felina. O rosto, de traços rudes e nobres, conserva uma gravidade amarga, consequência, talvez, das lutas e das vicissitudes que travou para vencer.

Lembram-se de «Trapézio»?



«Assassinos», um filme despretensioso baseado numa novela de Ernest Hemingway, assinalou a estreia no cinema de dois artistas hoje celebrizados mundialmente: Ava Gardner e Burt Lancaster. Apesar de desconhecidos, chamaram desde logo a atenção dos principais produtores.

O papel de atleta de circo que Burt desempenhou neste filme, constitui verdadeiramente um símbolo da força espantosa do grande homem e do grande artista que ele é.

Durante dez anos, Burt lutou tenazmente para poder interpretar esse papel. Lutou sòzinho, como um verdadeiro gigante. E venceu! Hoje, ele é o produtor e, por vezes, o realizador dos seus próprios filmes. Foi assim que, depois de «O último apache», «Vera Cruz» e «Trapézio», ele nos deu «Homem até ao fim», acrescentando neste último, às funções de produtor e actor, as de realizador.

★

Era ainda um garoto irrequieto e travesso quando começou a frequentar o ginásio de um bairro pobre de Nova Iorque. Aprendeu ràpidamente a saber manter os músculos em tensão e a endurecê-los como um atleta.

Numa colónia de verão travou conhecimento com Nick Cravat, a quem ainda hoje está ligado por sólidos laços de amizade.

A princípio, Burt ria-se da seriedade com que o seu companheiro se dedicava a exercícios de ginástica, tanto de manhã como à noite. Mas depois decidiu seguir o seu exemplo.

Através da ginástica, Burt e Nick descobriram uma paixão comum: a acrobacia. Os treinos encantavam os dois rapazes. E, quando chegou o inverno, passaram a exercitar-se no ginásio. Entraram para uma equipa de basebol, onde Burt se destacou como um dos mais valorosos elementos.

Decorreram assim vários anos. Burt e Nick não pensavam senão em exercícios acrobáticos. Frequentavam os circos com tanta assiduidade quanto o permitiam as suas escassas economias. Graças a uma bolsa de estudo ganha como jogador de basebol, Burt entrou para a Universidade. Mas manteve-se fiel à sua paixão pelo circo.

Em 1932, apenas com 18 anos de idade, Burt e Nick montaram um número e apresentaram-se a um circo ambulante. Foram contratados com o soldo de três dólares semanais, além da cama e da alimentação. Parecia-lhes que ganhavam uma fortuna, e viviam contentes e felizes. Arriscar a vida diàriamente era para eles a coisa mais natural do mundo. A parelha de trapezistas «Lang & Cravat» não receava o futuro.

O ACIDENTE

Mas, um dia, sucedeu um desastre, que vitimou Burt para sempre.

No seu cérebro e na sua alma passaram tenebrosas ideias de suicídio. Era como se o mundo inteiro ruísse à sua volta. A dor espiritual vergou-o ainda mais que a dor física do acidente.

A vida do circo; essa vida em que o fantástico e o maravilhoso se combinam numa fusão de inigualável; essa vida que reune, num pequeno círculo, em perfeita harmonia, os personagens mais diferentes e antagónicos: os faquires e os palhaços, os domadores e os equilibristas, os malabaristas e os ilusionistas, e tantos outros, lado a lado com o mundo estranho dos habitantes da Arca de Noé, exibindo as suas espantosas habilidades. Sim, a vida do circo era tudo para Burt Lancaster.

Como sucedera o desastre? Como fora parar à cama do hospital?

Nick e Burt tinham ensaiado o número mil e uma vezes, com perfeito à vontade. Quando chegou a hora do espectáculo, ambos estavam tranquilos, sem pensar sequer nos perigos do seu trabalho. Observavam simplesmente o mundo admirável do circo em movimento.

No centro da pista, «Miss» Carol executava arriscadas piruetas sobre um gracioso cavalo branco. Burt admirava em «Miss» Carol os seus magníficos dotes de exímia cavaleira; mas o que mais o deslumbrava era aquela confiança e serenidade com que percorria a pista, com

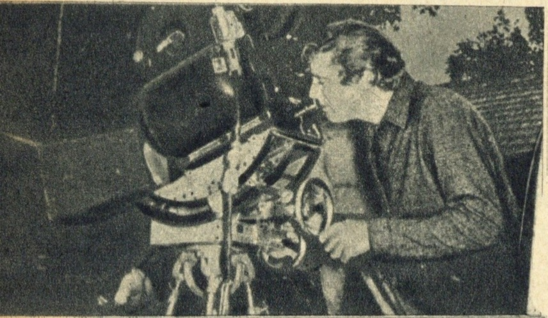
Lizabeth Scott escolheu Burt para seu «partenaire» no filme «A filha do pecado», a que pertence esta imagem de escaldante sensualismo... Em Hollywood, o homem que nada tinha de príncipe ou de galã, começou a ser alvo da cortesia das mais belas mulheres.



os olhos sorridentes fitos no público extasiado.

A orquestra acompanhava o galopar do cavalo branco, que quase voava, transportando na sua garupa a figura alada de «Miss Carol». No final do número, centenas de crianças romperam em estrepitosos aplausos.

Vestidos com uma capa sobre os ombros, Burt e Nick avançaram para a pista, cada qual para o seu trapézio. Sobre a pista incidia agora uma luz potente: dois grandes focos azuis seguiam os movimentos ascendentes dos dois homens. De repente, a música cessou. Os trapezistas começaram os seus exercícios preparatórios. As acrobacias tinham sido previstas e ensaiadas com meticulosa precisão: exactamente em três segundos, Burt deveria lançar-se no espaço, abandonando o trapézio, e Nick estar preparado para alcançá-lo num impulso mais forte e deixar-se agarrar pelos pulsos.



Desde a sua entrada para o cinema, Burt acalentou o desejo de se transformar em realizador. Ei-lo aproveitando os intervalos das filmagens para se familiarizar com os complicados mecanismos das câmaras...

As baquetas do tambor soavam com insistência, quando Burt formulou o voo, abandonando o trapézio; Nick, seguro e tranquilo, foi ao seu encontro e sorriu, satisfeito, ao sentir nos pulsos as mãos firmes do seu amigo e companheiro.

— Bravo, Burt! — exclamou — Agora o regresso. Boa sorte!

— Não te preocupes. Isto é fácil.

Mas a luz vermelha que os iluminava, teve um momento de indecisão, quando Burt quis partir. Foi como se ele ficasse cego: o trapézio não estava já no seu campo de acção! Tinha ensaiado mil vezes e sabia, por instinto, que o impulso de Nick o deixaria automàticamente no sítio justo para agarrar-se à barra delgada do seu trapézio. Mas os holofotes cegavam-no e perdia a serenidade ao sentir a impossibilidade física de ver.

Nick percebeu a tragédia que ameaçava o amigo e voou rápido em seu socorro. Mas era já tarde: Burt lançava-se às cegas para o espaço, na direcção onde calculava encontrar o trapézio. Todas as luzes ficaram acesas, como sinal de alarme, e o tambor deixou de se ouvir. Rompeu o silêncio o grito lancinante de Nick:

— À direita, Burt!

Burt tinha caído na pista, sem sentidos, com as mãos a cobrir os olhos. Transportaram-no imediatamente para o hospital.

Felizmente, o destino protegeu-o, apesar de tudo. A queda não resultara muito desastrosa, porque, no último momento, Burt tivera a serenidade suficiente para dobrar as pernas e procurar saltar sobre a escada de corda.

Três médicos operaram Burt de emergência, e salvaram-lhe a vida. Mas o acidente atingira os tecidos e os nervos mais sensíveis. Era impossível restituí-los ao seu estado primitivo. Burt não poderia voltar à profissão de trapezista. Por muito que se esforçasse não conseguiria readquirir a serenidade necessária para voar no espaço.



Ao cabo de porfiados esforços, Burt conseguiu vencer os obstáculos que dificultavam a actividade da «Norma Produtions, Inc.». Perante a surpresa dos que não acreditavam na viabilidade dos seus projectos, Burt apresentou «O facho e a flecha», que superou, de longe, todos os anteriores filmes de aventuras em dinamismo e em beleza...

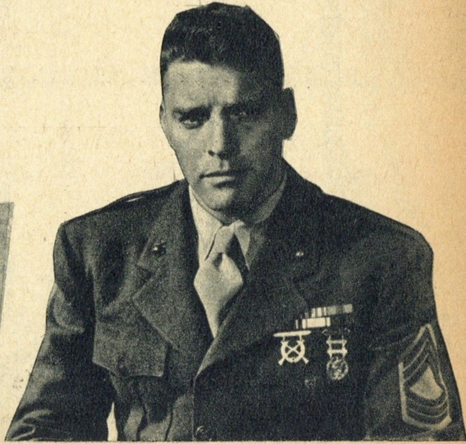
A princípio, Burt recusou-se enèrgicamente a ouvir o diagnóstico dos médicos. Deixar o circo? Nunca! Preferia a morte mil vezes a abandonar o trapézio.

Pacientemente, Nick tentou convencer o amigo a aceitar as palavras dos médicos. E disse-lhe:

— Tens que pensar noutra coisa, Burt. Eu próprio não poderia trabalhar sabendo que poderias falhar de um momento para o outro. Seria uma inquietação permanente.

— Mas que vou fazer? — perguntou Burt com desalento. — Preparei-me toda a vida para trabalhar no circo e não conheço outra profissão para ganhar a vida. A vida do circo fascina-me.

O atlético corpo de Burt envergou três vezes a farda do exército americano. A primeira durante a guerra de 1939/45, onde ganhou as divisas de sargento, apesar de ter sido castigado por indisciplina para com um superior; a segunda em «A mulher dos mares do Sul», no papel de um sargento acusado de conduta escandalosa; e na última, personificando o sargento de «Até à eternidade».





Não poderei sujeitar-me a um trabalho de oficina ou escritório. Quero continuar a ser artista.

— Em parte, tens razão — e, mudando de tom: — Podes tentar o teatro.

— Sim, mas deve ser difícil. Não sei mais nada senão subir o trapézio e lançar-me no espaço... e mesmo isso às vezes falho.

— Antes de ganharmos a vida num trapézio, passaste por outras ocupações: vendedor, criado e cançonetista, entre outras. Se soubeste adaptar-te, não será mais difícil tentar o teatro.

Era curioso como as coisas se complicavam de um momento para o outro. Burt era feliz como trapezista. Mas agora deveria pensar numa nova vida. Mais ainda: se quisesse triunfar, teria de esquecer todo o passado.

Burt conseguiu um emprego numa organização teatral de amadores. Depressa ficou cansado deste género de trabalho, e deixou-o para ingressar num salão de festas. Depois, durante alguns meses, foi mestre de cerimónias num cabaré e criado de mesa num restaurante elegante. Ganhava o suficiente para comer e dormir. Aquela vida enfastiava-o. Partiu para Chicago, disposto a dar um novo rumo à sua existência e a renunciar ao mundo ingrato dos espectáculos.

Os beijos de Burt criaram fama pela maneira impetuosa, quase brutal, com que esmagava os lábios das suas «partenaires». Eis uma significativa imagem, extraída de «O pirata vermelho», com Eva Bartok.

Em Chicago, examinou sèriamente as suas possibilidades. Chegou à conclusão de que deveria optar pela profissão de motorista de camiões. Impelido convictamente por esse propósito, apresentou-se em várias empresas a pedir trabalho. Mas a sua esplêndida figura de atleta era um obstáculo para o futuro que Burt desejava. Não aceitaram os seus serviços como motorista. O magnate de uma empresa foi o único que justificou a sua decisão.

— Creio que um jovem como o senhor, possuidor de dotes físicos quase excepcionais, deve ser destinado a uma ocupação diferente da de motorista de camião.

— Mas eu pretendo apenas ganhar a vida — protestou Burt, tìmidamente.

— Deixe-me decidir onde o senhor ficará melhor. Poderá mais tarde dar realização às suas aspirações. Mas agora, se quiser, será vendedor na secção de fazendas, no terceiro andar.

Burt não ficou satisfeito com a decisão do magnate, mas não exteriorizou o seu desagrado. Estava cheio de fome e precisava comer. Qualquer coisa lhe servia. De resto, seria por pouco tempo, porque não tinha dotes para vender roupas às senhoras.

Durante meses, Burt foi caixeiro de balcão. Quando saía do emprego, dirigia-se a um restaurante próximo para comer. Depois, na solidão do seu modesto quarto, lia William Saroyan e Steinbeck.

Por fim, cansado de vender camisolas e pijamas e fazer a propaganda dos artigos que as clientes recusavam, despediu-se do emprego. Passou a representar Saroyan em pequenos teatros, durante o verão. Mas era precisa ganhar dinheiro para a subsistência de cada dia. Por meio de um anúncio de jornal, obteve emprego como bombeiro.



Esta atitude de Burt Lancaster tornou-se característica nos seus filmes de acção violenta, mas, apesar de se mostrar implacável, impiedoso e brutal, são os papéis humanos os que mais lhe agradam.

Decidiu regressar novamente a Nova Iorque. Poucos dias depois, quando pretendia ingressar no elenco radiofónico da C.B.S., estalou a segunda Guerra Mundial.

O exército mobilizou-o em seguida. Burt suspendeu bruscamente os sonhos que acalentava para a sua carreira artística.

Estamos em 1942. Burt agora não é mais do que um simples soldado do Quinto Exército. Durante três anos combate sucessivamente na África do Norte, na Itália e na Áustria. Nos dias de tréguas, organiza espectáculos para os combatentes. Exibe os seus números de acrobata e é aplaudido com simpatia. Participa no Teatro Militar. Os soldados admiram-no: além de artista de circo, Burt é actor, director de cena e decorador.

Uma noite, Burt é informado por um camarada de que uma bonita loira o tinha notado quando marchava para o acampamento, coberto de pó, suado e de equipamento às costas.

Burt não se preocupou. Tomou banho e, a seguir, entrou com entusiasmo numa partida de «poker».

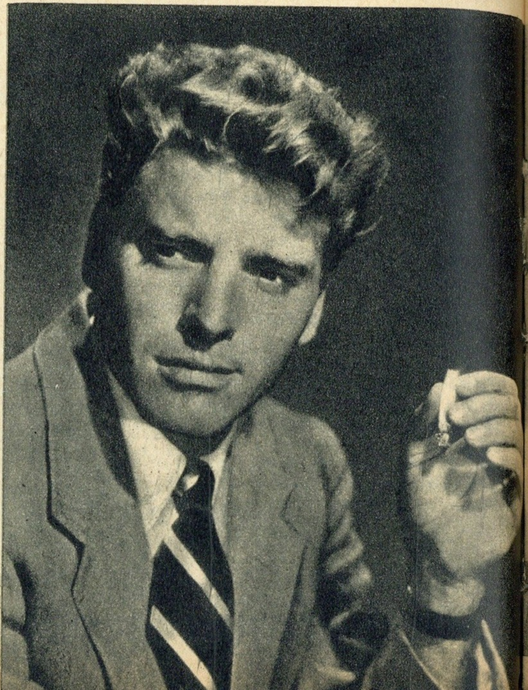
Quando entrou na sala de festas para beber uma cerveja, o camarada indicou-lhe a loira bonita, que dançava com um coronel. Por momentos, Burt ficou a examinar a sua admiradora, até que ambos trocaram um olhar significativo.

Não hesitou mais. Largou a cerveja e, resolutamente, roubou o par ao oficial. Durante toda a noite, Burt dançou com a loira.

O acontecimento não passou de uma banal aventura amorosa sem consequências.

Mas no inverno de 1943, sob o céu tempestuoso da Itália, em Monte Casino,

Em todo o mundo, milhares de admiradoras colocaram esta foto de Burt na intimidade dos seus aposentos.



Burt acabou por ser apanhado pelos chapéus de abas largas dos filmes do Oeste. Ei-lo numa cena de «Ousadia», ao lado do malogrado actor Robert Walker, que foi o primeiro marido de Jennifer Jones.



o grupo teatral de Burt avista-se com outra companhia teatral americana. Os olhos de Burt encontram os de Norma Anderson. Cai uma chuva persistente. O dia parece condenado a uma tristeza irremediável. Mas não: em Mont Casino dois corações pulsam mais depressa.

Burt contempla extasiado a rapariga morena que transporta quatro embrulhos sob os braços. Exposta à chuva, sem sombrinha e sem impermeável, parece ter acabado de sair de um banho no Oceano. Ela caminha com dificuldade, de uma maneira realmente cómica, por ter perdido o tacão do sapato.

Num gesto expontâneo, Burt abre a porta do «jeep» e convida a jovem morena a subir.

— Entre, por favor. Julgo que seguimos o mesmo caminho.



O «belo bruto», que se acostumara às «mulheres fatais», encontrou, pela primeira vez, uma mulher de uma beleza completamente diferente das habituais «pin-ups»: Phillis Texter.



«O Pirata Vermelho» retomou a série dos filmes de aventura, paixão e amor, oferecendo novamente a Burt a oportunidade de evidenciar a sua agilidade e demais qualidades atléticas.

— Oh, obrigado. Estava quase para sentar-me no passeio e chorar — explica ela, sentando-se a seu lado e pousando os embrulhos. — Vai para o seu quartel?

— Sim, e suponho que também vai para lá, a julgar pelo caminho. Posso perguntar-lhe o que vai fazer?

— Venho com a companhia de teatro dar umas representações para os rapazes.

Deixou de chover.

Norma esforça-se por secar a cara, mas em vão. Sorridente, Burt oferece-lhe um lenço para se limpar. E acrescenta:

— Os nossos caminhos são paralelos. Estou também cá a representar para a rapaziada. Não é estranho? Vai ser difícil separarmo-nos depois deste encontro. Lembre-se que ambos somos americanos... — frisou ele, intencionalmente.

— Sou americana de quatro costados — confirmou ela, divertida.

— Eu nasci em Nova Iorque, a 2 de Novembro de 1913. Somos dois americanos numa tarde chuvosa de Monte Casino e estamos aqui para dar uns momentos de alegria aos nossos soldados, para lhes falar da América e dizer-lhes que as suas mães, as suas noivas ou esposas, pensam a todo o momento nas horas felizes do regresso à pátria, mas também na luta por uma humanidade melhor. A nossa missão é importante, não acha?

— Sem dúvida. Noutras circunstâncias, não seria tão importante, mas estamos em guerra e separados da América por



Ensanguentado, maltratado e colocado num barco lançado ao sabor da corrente, eis como apareceu Burt em «Rei sem Coroa», num dos seus mais vigorosos e expressivos desempenhos. Entretanto, a empresa «Norma Productions Inc.» continuava a sua brilhante actividade, e Harold Hetch, o amigo e sócio de Burt, passou a figurar como o produtor dos seus filmes.

muitas milhas de distância, nesta maravilhosa e artística Itália.

— A velha Europa julga que nós, os americanos, somos um povo jovem, que pensa pouco e trabalha muito para recuperar os séculos de vida que nos faltam. Se um europeu assistisse ao nosso encontro, não deixaria de rir. Aqui, consideram os nossos sentimentos de pouco valor. Mas com esta conversa, já chegámos ao acampamento. — E com um sorriso, perguntou: — Pode esperar por mim?

— Como estamos num país estrangeiro e teve a amabilidade de me salvar, ficarei à sua espera — anuiu ela, retribuindo o sorriso.

— Obrigado. O crepúsculo deve ser maravilhoso e agradar-me-á vê-lo com uma rapariga americana a meu lado; estou farto da guerra e sou um sentimental irremediável...

★

Exactamente como Burt tinha previsto, o crepúsculo naquelas paisagens italianas era realmente maravilhoso. Foram momentos inesquecíveis, como jamais tinham desfrutado em suas vidas. E no fundo dos seus corações vibrava agora um sentimento avassalador que obrigava a pensar numa vida comum.

— Norma — disse ele, passando o braço



A loira Virgínia Mayo, depois do sucesso obtido por «O facho e a flecha», voltou a encontrar-se com Burt em «A mulher dos mares do Sul». Chegaram a circular rumores a respeito de uma história de amor entre ambos, mas Virgínia casou, pouco depois, com o actor Michael O'Shea.

sobre o ombro da jovem morena — quando a paz reina entre os homens, estas horas passadas aqui têm um valor infinito, o valor que se dá às coisas que se recuperam. Não quero que este passeio acabe esta noite, nem quero sofrer por ti. Precisamos de continuar a ver-nos, porque não desejo perder-te. Compreendes?

Mais do que as palavras, os olhos de Burt exprimiam todo um mundo de maravilhosas promessas.

— Sim, Burt — respondeu ela — precisamos de continuar a ver-nos.

Despediram-se com a certeza de que não diziam «adeus» para sempre. Cada palavra, cada frase, por mais banal que tivesse sido, fixara-se no seu cérebro com uma força irresistível.

Burt, para voltar a ver Norma, que lhe inspirava a toda a hora um sentimento de profunda nostalgia, teve que saltar sobre grandes dificuldades, entre outras a de fugir do acampamento e passar uma razoável temporada no calabouço militar. Mas Norma ficara sua noiva.

★

Pouco depois de terminada a guerra, em Setembro de 1945, Burt desembarca em Nova Iorque, juntamente com as tropas desmobilizadas do seu país. Ainda não sabe qual vai ser o novo rumo da sua vida, mas está firmemente seguro de uma coisa: o seu casamento com Norma Anderson. Em frente do hotel Roylton, pára por instantes. É ali que Norma o espera.

Entra no hotel e abre a porta do ascensor. Norma trabalha no 11.º andar para um produtor radiofónico. Junto a este, Burt encontra um desconhecido que o observa atentamente, quase com impertinência, mas não lhe liga importância.

Quando Burt chega junto de sua noiva, o telefone retine insistentemente.

— É para ti! — exclama Norma depois de atender a chamada.

— Oiça — comunica uma voz do outro lado do fio — Acabo de vê-lo no ascensor e teria interesse em oferecer-lhe um dos papéis da peça que vou montar na Broadway. Você tem o tipo do soldado que procuro. Pode vir falar comigo ao meu gabinete? Basta subir um andar. A porta está aberta.

— Essa proposta é a sério? — indaga Burt, desconcertado.

— Sem dúvida. É lamentável não poder entregar-lhe o meu cartão pelo telefone. Sou agente de espectáculos e chamo-me Hal Wallis.

A voz ressume um tom de grande seriedade. É impossível hesitar.

— Está bem — concorda Burt, embora sem grande convicção. — Vou já.

Ao desligar o telefone, explica a conversa a Norma, confessando as suas dúvidas.

— Disse-te a verdade, querido. É um agente teatral, caçador de artistas. Deves subir e escutá-lo. Não perdes nada.

NO INÍCIO DA CARREIRA TEATRAL

Pouco depois, Burt interpretava uma peça duas semanas em Filadélfia e três em Nova Iorque. Apesar da brevidade desta actuação, o novo actor conheceu um lisonjeiro êxito pessoal, que lhe permitiu receber sete ofertas de Hollywood.

Era o futuro a abrir-lhe, pela primeira vez, um sorriso prometedor.

Burt decidiu casar com Norma. Ambos tomaram o comboio e partiram para Hollywood. Seria uma luta difícil, eriçada de traições e repleta de obstáculos. Mas não lhes faltavam a audácia e a tenacidade com que se forjam as grandes vitórias.

A CAMINHO DOS ESTÚDIOS

Ao atravessar o grande portão da Universal-International, Burt cruza-se com o carro de Harold Hetch e pensa na necessidade de um agente que o ajude a sair do anonimato e lhe obtenha contratos com regularidade.

Um companheiro de teatro apresenta Burt a Harold Hetch, que acaba de abrir uma agência de artistas.

A franqueza e a sinceridade de Burt conquista desde logo um amigo. Harold observa:

— Conheço muita gente, mas tenho poucos clientes. Não posso prometer-te nada, mas asseguro-te que trabalharei firmemente para te arranjar contratos. Eu também preciso de comer. Cada contrato que obter para ti, permitir-me-á atender à minha alimentação.

Depois de Burt assinar o contrato, Harold comenta:

Após os mais diferentes papéis, Burt escolheu um que faltava na sua colecção: o de sargento da Legião Estrangeira, no Norte de África. O filme encontrou em Portugal o título de «Os dez da legião», e obteve grande sucesso durante a sua estreia no Éden.





— Creio que te espera um bom futuro.

Com um sorriso de confiança, o novo actor responde:

— Para celebrar o nosso encontro e como estamos em condições semelhantes, seria conveniente que fôssemos comer juntos. Aceitas?

Saíram do gabinete, sentindo que podiam confiar nos laços de amizade que agora os uniam.

— O trabalho de agente de artistas não me agrada muito — confessa sinceramente Harold, enquanto almoçam. — Gostaria de produzir filmes.

Burt Lancaster não esqueceu estas palavras.

★

Numa das suas constantes visitas aos estúdios, à procura de trabalho, Burt atraiu a atenção de um nóvel mas arrojado produtor, chamado Mark Hellinger, que andava à procura de um artista adequado ao principal personagem da novela de Ernest Hemingway intitulada «Assassinos».

Burt era um soberbo animal humano, mas não tinha actuado nunca diante das câmaras de filmar. Apesar disso, Mark Hellinger confiou nele, tanto mais que o novo «astro» não lhe exigia os exorbitantes salários pedidos por actores consagrados.

Para o principal papel feminino de «Assassinos», o inteligente produtor escolheu também uma estreante: Ava Gardner.

Quando, meses depois, o filme foi apresentado ao público, Mark Hellinger ganhou, em poucas semanas, mais do que tinha ganho em toda a sua vida anterior. Por outro lado, o par romântico de «Assassinos» ascendeu ràpidamente à celebridade.

Segundo os críticos, o sucesso de Burt filiou-se no facto de ter criado um novo tipo masculino, duma estranha e violenta sedução para a maioria do público feminino.

Mark Hellinger convidou a seguir Burt Lancaster para outro papel violento e duro: o de chefe de uma evasão de presidiários numa penitenciária americana, no filme «Brutalidade».

O realizador Daniel Mann e o produtor Hal Wallis confiaram a Burt um papel totalmetne diferente, 100 % dramático. «A cruz da minha vida» revelou assim, no papel de um homem de cabelos brancos afogado no vício do álcool, a espantosa versatilidade do actor que aprendera tudo à sua custa.



Uma cena de antologia na vida cinematográfica de Burt Lancaster, pertencente ao filme «A cruz da minha vida».

Apesar de não apresentar personagens femininos, o segundo filme de Burt constituiu um retumbante êxito, devido à extraordinária máscara do novo actor, cuja violência excedia tudo quanto Hollywood conseguira apresentar até à data.

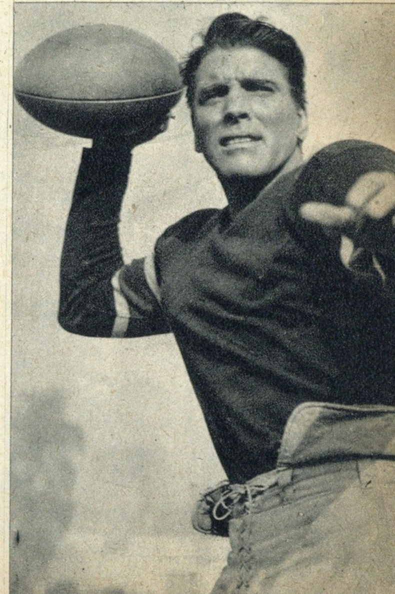
Ofereceram-lhe dezenas de papéis segundo o mesmo modelo. Mas Burt recusou-os, porque não queria apenas ganhar dinheiro. Queria ser actor. E não o seria nunca se continuasse a desempenhar sempre os mesmos personagens, sempre as mesmas histórias de lutas e medos. Não pretendia representar Shakespeare, mas os valentões, por sistema, desagradavam-lhe.

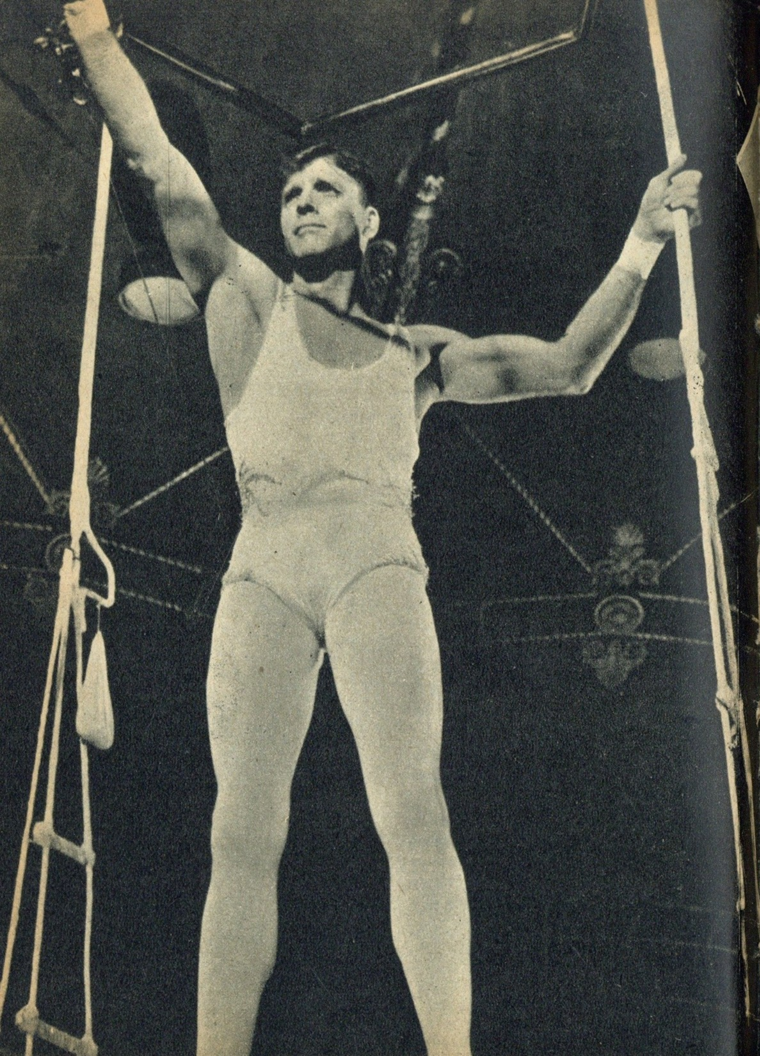
Recusou um argumento, depois outro, zangou-se com um autor, desencorajou dois realizadores, rompeu o contrato com Mark Hellinger.

Em 1947, fundou a sua própria empresa «Norma Productions, Inc.», título escolhido em homenagem ao nome de sua esposa. Entregou a direcção dos seus negócios a Harold Hetch, a quem se ligara por sólidos laços de mútua confiança e amizade.

Os magnates de Hollywood assistiam, trocistas e divertidos, a este duelo quixotesco dum indivíduo corajoso, sem dúvida, mas inexperiente e ingénuo, que julgava

Escolhido para evocar em «O homem de bronze» a vida de Jim Thorpe, um dos maiores campeões do desporto americano, vencedor nos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912, do pentatlo e do decatlo, Burt Lancaster correspondeu plenamente às exigências do filme e alcançou uma das mais vibrantes e patéticas das suas interpretações.





«Trapézio» deu-me a oportunidade de viver no «écran» a vida que realmente já vivi apaixonadamente, o que muito me facilitou o trabalho de representação.

«Por outro lado, fiquei contente por poder levar ao conhecimento do grande público as glórias e as misérias, as alegrias e as tristezas dos grandes artistas que são os profissionais do circo».



Sòmente um actor de indiscutível talento poderia emparceirar com Anna Magnani, para mais numa obra como «A Rosa Tatuada». Burt não saiu diminuído da sua réplica à grande Magnani, compondo com inigualável brilho a complexa figura do boçal Maggiacavallo.

poder afastar-se da rotina e combater, sòzinho, a grande máquina dos «trusts», que fabricava filmes sem preocupações artísticas com a mesma facilidade e velocidade com que Ford espalhava os seus automóveis pelo mundo.

Falharam as primeiras tentativas da nóvel empresa produtora, mas Burt não desanimou. Travou conhecimento com um homem que procurava também fugir à rotina e que lhe confiou o principal papel de «A filha do Pecado», à frente de Lizabeth Scott e de Kirk Douglas.

Esse homem chamava-se Hal Wallis e sabia o valor de Burt. Não se importava com a sua fama de pessoa grosseira, porque, sob a sua aparente rudeza, descobrira uma integridade que obrigava ao respeito e desencorajava a ironia.

Entretanto, em Hollywood a reputação de Burt como actor aumentava, porque o público acorria com entusiasmo a esgotar os cinemas que exibiam os seus filmes.

Os detractores de Burt viram-se obrigados a reconhecer que não lhe faltavam qualidades inatas. Mas porque não era um pouco mais amável? Porque se conservava afastado da vida de Hollywood, recusando convites, ignorando os sorrisos das mais lindas e sedutoras mulheres?

Acabadas as filmagens, regressava silenciosamente ao seu camarim, sem compartilhar das conversas dos camaradas de trabalho, obstinando-se na recusa de convites para reuniões mundanas.

Sabiam que era casado e lamentavam



«O trio mais famoso do mundo inteiro» — eis como a publicidade apresentou Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis em «Trapézio». Diga-se, em abono da justiça, que o filme correspondeu à expectativa criada à sua volta.





Os triunfos atingem, de filme para filme, uma retumbância cada vez maior. «O homem que fazia chover» patenteou novamente com iniludível força, o espantoso talento histriónico de Burt Lancaster.

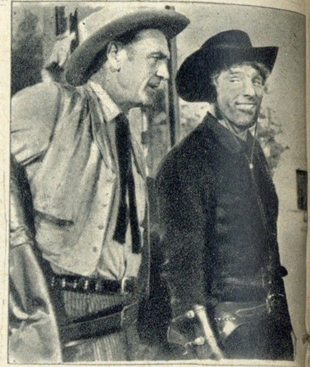
a mulher, que nunca era vista. Burt tinha feito saber que não queria misturar a sua vida privada com a actividade artística.

Uma mulher muito bela pretendeu romper a cortina que separava a intimidade de Burt. Ele replicou que não abria excepções, e que a estimava apenas como companheira de trabalho.

Ela não se deu por vencida. Tinha filmado com Burt várias cenas de amor. Deu-lhe a entender que não via nenhum inconveniente em repetir as mesmas cenas na intimidade e que apreciara, no justo valor, a sua estatura de atleta, a sua boca voluntariosa, os seus olhos azuis que não pestanejavam, os seus braços musculosos que apertavam com vigor.

Burt fingiu não a compreender e, como ela um dia lhe pedisse, insistentemente, para lhe oferecer um passeio, fê-la subir para o seu automóvel e, sem dizer uma palavra, levou-a durante várias léguas, até chegar a uma casa branca, perdida nas colinas.

Mandou-a entrar e apresentou-lhe Norma:



Dentro de Burt Lancaster, defrontam-se interesses antagónicos. O actor gosta de papéis humanos e dramáticos, mas o produtor prefere os filmes de agrado fácil, com muita pancadaria e muitos tiros, que lhe rendam lucros avultados. «Vera Cruz», produzido por Hetch-Lancaster, satisfez plenamente os seus objectivos de distracção.



«Homem até ao fim» assinalou a estreia de Burt como realizador. O filme foi seleccionado para representar o cinema americano no Festival de Veneza, mas não satisfez os críticos. O próprio Burt não gostou.

— Penso que não conhecia a minha mulher — disse, em tom amigável.

A artista ficou despeitada, embora sorrisse ao corresponder ao cumprimento. Ao regressar depois a Hollywood, fez constar que Burt era casado com uma mulher insignificante, sem nenhum atractivo, boa apenas para fazer a sopa e ter filhos.

Burt encolheu os ombros, em sinal de desinteresse. Interrogado por um jornalista, rectificou, com ironia e naturalidade, a notícia posta a circular pela artista despeitada.

— Sou eu, em geral, que cozinho. Aprendi na Itália, quando era militar.

Quanto aos filhos, embora Burt se conservasse mudo a este respeito, sabia-se que eram dois, depois três, depois quatro...

O que se ignorava era que Jimmy, o primogénito, tinha um pé aleijado. Durante oito longos meses, Burt cuidou afectuosamente do filho, incutindo-lhe ânimo para suportar o tratamento ortopédico. O gesso que cobria o pé da criança, era partido e mudado todos os quinze dias. Esta operação causava dores tão tremendas que muitas vezes Burt ouvia o filho, durante o sono, chorar de medo. Sobressaltado, ficava de vigília, passando muitas noites em branco. Tornou-se sombrio e muitas vezes irritável. A ideia de ter dado ao mundo um filho aleijado, torturava-o. Se fosse possível, ofereceria todo o vigor dos seus músculos em troca da saúde dele.

Se Norma nunca saía, era porque consagrava todos os momentos àquela criança torturada, nervosa, que durante muito tempo não pôde compartilhar das brincadeiras e dos jogos de seus irmãos.

Por fim, Jimmy ficou completamente curado. Burt exultou de alegria, mas não por muito tempo. Uma noite, outro dos seus filhos adoeceu gravemente. O médico mandou-o urgentemente para uma clínica.

A criança salvou-se, mas durante semanas viu-se obrigada a usar um aparelho. Norma mostrou novamente o seu espírito de sacrifício, a sua sólida paciência para suportar as contrariedades da vida. Burt sofreu novamente em silêncio o desgosto que afligia o seu coração de pai. No entanto, quando aparecia diante das câmaras de filmar, o seu rosto duramente vincado pelas preocupações, transfigurava-se, obedecendo às ordens do realizador com impressionante serenidade e domínio de expressões.

Em 1950, «Norma Productions, Inc.» apresentou, por intermédio da Warner Brothers, o seu primeiro filme. Chamava-se «O Facho e a Flecha» e obteve estrondoso sucesso de bilheteira, abrindo o caminho para uma nova vida. Uma vez mais, o público, subjugado pela irresistível simpatia do seu ídolo, salvou-o de uma das horas mais amargas da sua existência e insuflou-lhe confiança no futuro.

O filho doente curou-se como Jimmy. A pouco e pouco desapareceram o azedume e a revolta, que isolavam Burt do contacto com a vida social. Quando da prisão dos «dez de Hollywood» acusados de actividades anti-americanas, ele juntou, num gesto de solidariedade e coragem, o seu nome a outros como Charlie Chaplin e Arthur Miller, protestando enèrgicamente contra a infiltração do «Machartismo» na vida do cinema americano.

O homem orgulhoso tinha aprendido a ser humilde, o violento tornara-se meigo, o rebelde aceitara a grande lição do sofrimento. Mas, ao fim e ao cabo, Burt Lancaster continua a ser, aos 44 anos de idade, o «homem de bronze» da América. Triunfou à custa de uma cruel experiência humana, que jamais se apagará da sua memória.

Se o aventureiro, o belo bruto, se transformou num dos maiores actores de todos os tempos, o antigo acrobata ganhou a alma de um GRANDE HOMEM, que vive rodeado por cinco crianças robustas e saudáveis, por uma esposa que o ama com ternura e pelo público que, com os seus aplausos, o incita a prosseguir e a lutar.



Ava Gardner
em «Assassinos»



Lizabeth Scott
em «A filha do pecado»



Barbara Stanwyck
em «Três minutos de vida»

AS 24 MULHERES
que contracenaram com
O BELO BRUTO

Joan Fontaine
em «Beija o sangue das minhas mãos»



Yvone de Carlo
em «Dupla Traição»



Corine Calvet
em «Zona Proibida»





Virginia Mayo
em «O facho e a flecha»
e «A mulher dos mares do Sul»



Dorothy McGuire
em «O falsário 880»



Sally Forrest
em «Ousadia»



Phillis Taxter
em «O homem de bronze»



Jody Lawrence
em «Os dez da legião»



Shirley Booth
em «A cruz da minha vida»



Eva Bartok
em «O Pirata Vermelho»



Terry Moore»
em «A cruz da minha vida»



Joan Rice
em «O Rei sem Coroa»



Denise Darcel
em «Vera Cruz»



Jean Peters
em «O último apache»



Deborah Kerr
em «Até à Eternidade»



Sarita Mantiel
em «Vera Cruz»



Diana Lynn
em «Homem até ao fim»



Anna Magnani
em «A Rosa Tatuada»



Gina Lollobrigida
em «Trapézio»



Katherine Hepburn
em «O homem que fazia chover»



Rhonda Fleming
em «Duelo de Fogo»

GRANDE HOMEM... GRANDE ACTOR...

GRANDE CÉREBRO...

Quando Burt Lancaster chegou a Hollywood, segundo dizem hoje os seus amigos, possuía apenas dois fatos e um par de meias vermelhas. Ele jantava, quando saía, em pequenos cafés, em mangas de camisa e suportava barba de dois dias.

O primeiro automóvel que conduziu foi um «Ford» velho e usado. Em qualquer reunião aparecia o mais modestamente vestido, manifestando desdém pela ostentação tão querida entre os artistas de Hollywood.

Hoje, depois de ter usado durante anos um «Thunderbird», desliza ao longo das Avenidas o seu «Chrysler Imperial», vestindo um fato de excelente fazenda escolhido de entre um dos mais elegantes guarda-roupas de Hollywood.

O escritório da firma Hetch-Lancaster está decorado num estilo grandioso, de acordo com a posição financeira de um homem que o cinema enriqueceu.

Numa moldura grande, o retrato de Burt garante ali a certeza da continuidade dos sucessos que caracteriza a importante empresa produtora independente de Hollywood.



«O homem que fazia chover» merece figurar, sem sombra de dúvida, entre as mais belas e comoventes histórias de amor do «écran». O filme atinge a perfeição das obras-primas, para o que muito concorreu o soberbo trabalho dos intérpretes.

Mas, se Burt é agora um produtor importante e filma mais do que nunca, no fundo, ele continua a ser ainda o jovem irreverente que nunca reconheceu a necessidade das boas maneiras e que acreditava que um coração terno era um obstáculo para o êxito ou para a felicidade.

Burt mantém-se rude, às vezes até ao ponto do exagero. Mas para a multidão que o admira no «écran», é-o numa medida certa e justa.

Alguém que o conhece de perto, disse: — «Tenho admiração, mas não tenho afecto por Burt». Há muitas opiniões iguais a esta, mas Burt admite-as, rindo.

Quando os jornalistas lhe solicitam entrevistas, Burt queixa-se de não ter tempo para publicidade, aumentando assim a sua fama de rudeza.

Mas todos os seus detractores, por mais que insistam em combatê-lo, esbarram numa realidade profundamente palpável que não pode ser desfigurada: é a de que, para além da sua rudeza, Burt é, indiscutivelmente, um grande homem, um grande artista — um grande cérebro!

UM ARTIGO DE BURT LANCASTER

a minha opinião sobre as mulheres

Não conheço espécie de mulher mais desejável do que aquela que sabe quando deve dizer «não». Negando-se, ela mantém o que a tornou desejável pela primeira vez. Não obstante o facto disto, dito por mim, soar um pouco falso, acredito honestamente que um homem não só pode admirar uma dessas mulheres que sabem dizer «não», como pode amá-la até limites que ele considera impossíveis.

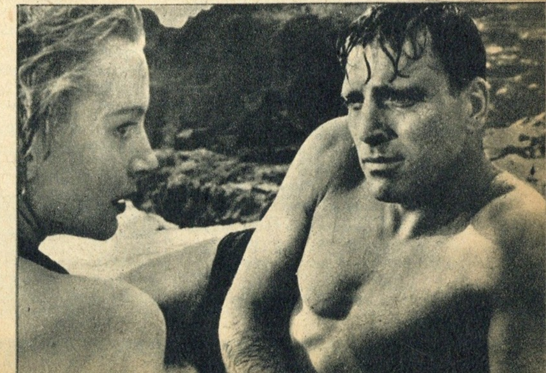
Alguém disse que «onde não há resistência, não há vida». Os homens sentem que são o sexo forte, mas perdem depressa o respeito (apesar de não o confessarem) por uma mulher que é cegamente obediente a todos os seus desejos. Não quero dizer, claro está, que uma mulher deva moldar-se numa estátua de desobediência ou ser deliberadamente desagradável.

De qualquer modo, porém, uma mulher para ser alguma coisa para um homem, não deve ser só o objecto da sua afeição, mas também uma fonte de interesse para ele. Creio que um homem com cabeça pensa assim.

No meu círculo de amigos há um casal que é um exemplo do que afirmo. Não é preciso estar na sua presença muito tempo para compreender que a mulher tem as suas ideias próprias. Em assuntos sociais, ela por vezes diz «não» ao seu marido e discorda delicadamente das suas opiniões.

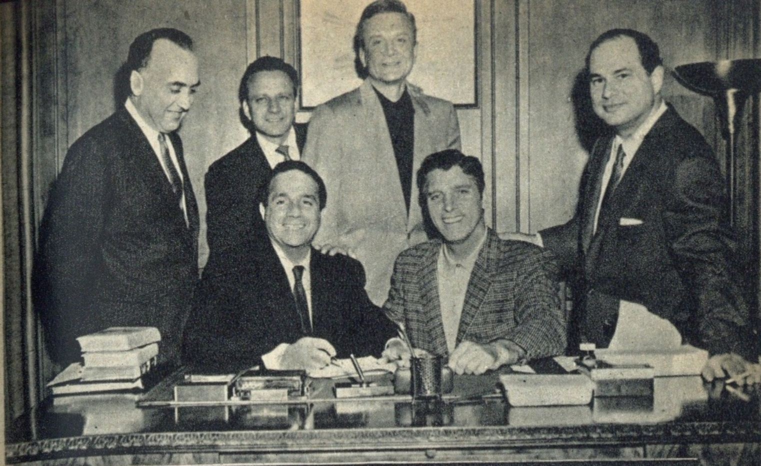
Numa ocasião, perguntaram ao marido porque não tentava domesticá-la. Eis a resposta dele: «Primeiro, porque eu amo-a. Segundo, porque ela é cheia de surpresas encantadoras. Terceiro, quem é que deseja ser casado com uma mulher néscia?». Depois desta resposta, como se qualquer secreto pensamento tivesse passado pela sua cabeça, ele concluiu com um sorriso: «Não obstante, o melhor e mais agradável aspecto de uma mulher assim é, certamente, durante aqueles maravilhosos momentos em que diz «sim!».

«Até à eternidade» — filme vigoroso e panfletário que desnudou muitos aspectos da corrupção que lavra em determinados sectores da vida americana — mereceu do público um acolhimento excepcional, demonstrado pela sua longa permanência, simultâneamente, em dois cinemas de Lisboa.



QUADRO DOS FILMES interpretados por BURT LANCASTER

Anos	Títulos dos filmes	Outros artistas	Estúdios
1946	**Assassinos** (The Killers)	Ava Gardner	Universal
1947	**Brutalidade** (Brute Force)	Hume Cronyn	Universal
1948	**A filha do pecado** (I Walk Alone)	Lizabeth Scott e Kirk Douglas	Paramount
	Não matarás! (All my Sons)	Edward Robinson	Universal
	Três minutos de vida (Sorry Wrong Number)	Bárbara Stanwyck	Paramount
	Beija o sangue das minhas mãos (Kiss the blood off my hands)	Joan Fontaine	Universal
1949	**Dupla Traição** (Criss Cross)	Yvone de Carlo	Universal
	Zona Proibida (Rope of Sand)	Corine Calvet	Paramount
1950	**O facho e a flecha** (Flame and the arrow)	Virgínia Mayo	Warner
	O falsário 880 (Mister 880)	Dorothy Mc Guire	Fox
1951	**Ousadia** (Vengeance Valey)	Sally Forrest	Metro
	O homem de bronze (Jim Thorpe all American)	Phillis Taxter	Warner
	Os dez da legião (Ten Tall Men)	Jody Lawrence	Columbia
1952	**O Pirata Vermelho** (The Crimson Pirata)	Eva Bartok	Warner
1953	**A cruz da minha vida** (Come Back Little Sheba)	Shirley Booth e Terry Moore	Paramount
	Rei sem Coroa (His Majesty O'Keefe)	Joan Rice	Warner
	A Mulher dos Mares do Sul (South Sea Woman)	Virgínia Mayo	Warner
1954	**O último apache** (Bronco Apache)	Jean Peters	United
	Até à Eternidade (From here te eternity)	Deborah Kerr	Columbia
	Vera Cruz (Vera Cruz)	Sarita Montiel	United
1955	**Homem até ao fim** (The Kentuckyan)	Dianne Foster	United
	A Rosa Tatuada (The Rose Tatoo)	Anna Magnani	Paramount
	Trapézio (Trapeze)	Gina Lollobrigida	United
1956	**O homem que fazia chover** (The Rainmaker)	Katherine Hepburn	Paramount
1957	**Duelo de Fogo** (Gun fight at the O.K. Corral)	Rhonda Fleming e Kirk Douglas	Paramount
	Swett Smell of Sucess	Susan Harrison	United



O produtor BURT LANCASTER

Constitui hoje um acontecimento vulgar a estreia, como realizadores, dos mais famosos «astros» do cinema, especialmente quando estes começam a observar um declínio da sua popularidade, a par do embranquecimento dos primeiros cabelos e a ameaça das rugas.

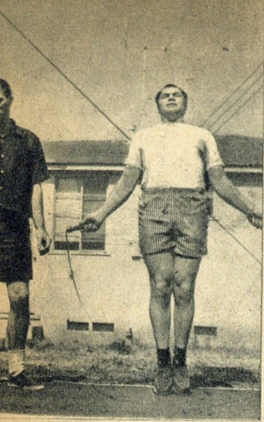
Burt Lancaster não esperou por esse declínio que a marcha do tempo impõe inexoràvelmente. Aos 37 anos, continua de plena posse das suas invejáveis qualidades, tanto artísticas como físicas e, à sua carreira de actor, alia actualmente duas outras: a primeira como produtor («Marty» deve-se ao seu trabalho atrás das câmaras de filmar) e a segunda como realizador (em que se estreou com «Homem até ao fim»).

A foto desta página assinala o momento da assinatura do contrato entre os produtores Harold Hetch e Burt Lancaster, e os directores da United Artists para a distribuição mundial dos seus filmes por esta companhia.

O sorriso de Burt exprime significativamente a boa marcha dos seus negócios, traduzindo, ao mesmo tempo, a sua confiança no futuro.

Na foto de cima: Sentados à secretária, a assinatura de um contrato com a United Artists, Hetch e Lancaster sorriem para a objectiva, numa demonstração da boa marcha dos seus negócios.

12 ANOS DE ACTIVIDADE DE UM ARTISTA ★ 12 ANOS DE ACTIVIDADE DE UM ARTISTA ★ 12 ANOS DE ACTIVIDADE DE UM ARTISTA ★ 12 ANOS DE ACTIVIDADE



Burt Lancaster deve a sua invejável estatura a uma intensa prática de cultura física, da qual é um ferrenho propagandista.

As imagens desta página, fornecidas, em exclusivo para Portugal, pela Globe Photos, de Los Angeles, mostram-nos Burt ensinando o pesado Ernest Borgnine a saltar à corda e a executar o pino. Neste último exercício, Burt levanta o seu amigo com a ajuda de grossas cordas, enquanto o incita com entusiasmo a não



O ATLETA (BURT LANCASTER) E O SEU ALUNO (ERNEST BORGNINE)

desistir do esforço exigido pela difícil posição a que o obriga...

Ùltimamente, as agências telegráficas noticiaram um litígio entre o laureado protagonista de «Marty» e a companhia produtora a que pertence Burt Lancaster. Atribuem-se as causas que originaram este litígio à discussão dos honorários que Borgnine pretende ganhar, pelo seu trabalho no novo filme «Os Vickings», honorários que representam o equivalente a cinco ou seis vezes os salários que recebeu pela interpretação de «Marty».

Parece-nos, por muito justas que sejam as razões alegadas por Ernest Borgnine na sua queixa contra o contrato que o prende à firma produtora Hetch-Lancaster, que não pode deixar de ser levado em conta o facto de ter sido Burt quem descobriu a Borgnine o caminho para o êxito, abrindo-lhe as portas de uma nova vida.

Muitas vezes, a amizade e a solidariedade encontram maus pagadores... Este parece ser um exemplo significativo. Ao menos, ainda restam fotos como as que publicamos nesta página, que falam por si próprias...

Burt Lancaster e Norma Anderson dançam num «night club» de Hoollywood. Tudo quanto os fotógrafos conseguem sobre a vida privada do famoso actor, são estas imagens colhidas em lugares públicos. É impossível arrancar a Burt uma conversa para os jornais sobre a mulher ou os filhos.



Os mexeriqueiros de Hollywood não têm razão para gostar de Burt Lancaster, que lhes proporciona apenas as notícias banais de um pai de família que detesta escândalos.

Burt não tem muito tempo para assistir às reuniões mundanas. O seu trabalho como actor é, por si só, extenuante, mas ele despende também uma intensa actividade com produtor.

À noite, quando chega a casa, os filhos esperam-no de braços abertos. São cinco crianças

UM HOMEM COM 5 FILHOS E UMA ESPOSA FELICÍSSIMA

encantadoras: dois rapazes — Jimmy e Billy — e três meninas — Joana, Susabet e Ana. O pai adora ensinar-lhes as suas habilidades como ginasta e como actor.

Sòmente quando as crianças se metem na cama, Burt fica a sós com a esposa. Apesar de casados há 14 anos, eles conservam-se enamorados como no dia do seu primeiro encontro em Monte Casino, dando um exemplo significativo de que, apesar de tudo quanto a imprensa propala acerca dos casais de Hollywood, a vida escandalosa não interessa a toda a gente, mas apenas aos que precisam de fantasia e publicidade.

Por vezes, os mexeriqueiros da Meca do Cinema atiram ao ar pequenos rumores sobre as possíveis aventuras amorosas de Burt. Há anos, correu muita tinta sobre um romance entre Marlène Dietrich e o famoso actor. Norma passou horas difíceis, aguilhoada por ciúmes. No fim, a tranquilidade voltou a reinar, ao esclarecer-se que nada mais existia entre os dois senão pura amizade.

Quando das filmagens de «A rosa tatuada», os comentários sobre as relações entre Burt e Anna Magnani foram inevitáveis.

O mesmo sucedeu quando das filmagens de «Trapézio», em Paris. Poucos dias depois de Burt ter partido para a Europa, Norma deixou a sua casa em Beverly Hills e, acompanhada dos filhos, tomou um avião para França. Houve quem dissesse que a sua permanência na Capital da Luz não teve outra razão senão vigiar as relações entre o marido e Gina Lollobrigida.

Na realidade, porém, Norma não tem ciúmes das artistas que actuam ao lado do seu marido. Ela é uma mulher felicíssima, porque ama e é amada.

O homem que é seu marido, tem, acima de todas as qualidades, a de ser profunda e intensamente humano, espontâneo e generoso. Como não amá-lo? Como não pertencer-lhei nteiramente?

Ele tem milhões de admiradoras em todo o mundo, é verdade. Mas ama apenas uma entre todas. Uma que pensa nele a todas as horas. Uma que o ajudou a vencer e a dominar as situações mais difíceis da vida. Uma mulher simples que tem este nome simples: Norma Anderson.



Anna, Magnani, Burt Lancaster e o realizador Daniel Mann formaram um trio de excelentes camaradas durante as filmagens de «A rosa tatuada». Eis um exemplo para a gente do cinema português...

Embora goste de «reinar» com os companheiros de trabalho, Burt leva a sério os seus papéis, estudando pormenorizadamente as planificações antes de entrar em acção.



Nada melhor para um actor do que trocar impressões com o realizador, sobretudo quando este possui a craveira intelectual e artística de Joseph Anthony. Assim procedeu Burt Lancaster durante as filmagens de «O homem que fazia chover».



Burt mantém as melhores relações de amizade com o casal Tony Curtis-Janet Leigh. Ei-lo a contar uma das suas pilhérias, perante os rasgados sorrisos dos dois ouvintes...



NA VIDA É IMPORTANTE TER AMIGOS

Uma das qualidades de Burt Lancaster é a sua fidelidade à camaradagem e à amizade. Nick Cravat, Hal Wallis e Harold Hetch são três exemplos representativos do espírito generoso do famoso actor a quem, paradoxalmente, chamam o «homem-duro» de Hollywood.

Burt considera que é importante ter amigos. Ele não esqueceu os anos que passou junto de Nick Cravat, espalhando alegria de terra em terra; Nick acompanha-o hoje em várias viagens e passa temporadas em sua casa, numa camaradagem que sòmente a morte há-de extinguir.



Enquanto fala, Burt sublinha as palavras com gestos e sorrisos exuberantes . . .

Wal Wallis, o produtor que descobriu Burt Lancaster, não se arrependeu até hoje de lhe dispensar a primeira oportunidade no cinema. Ambos criaram uma amizade sólida e, hoje, Burt, apesar de ter a sua própria empresa produtora, interpreta para Wal Wallis um filme por ano.

O terceiro grande amigo e companheiro inseparável de Burt é o antigo agente de artistas Harold-Hetch. Desde o primeiro dia em que se conheceram, ficaram amigos para sempre.

Eis porque Burt se orgulha, com razão, dos seus amigos.



O companheiro de Burt nesta foto de «O Pirata Vermelho» é o seu velho amigo e parceiro de trapézio Nick Cravat, que trabalhou também em «O fa-

Um jovem escritor visitou Burt Lancaster, a fim de lhe apresentar o argumento para um filme.

Intervalo
para sorrir...

— Precisa de modificá-lo — disse Burt, sem mais rodeios.

— Modificá-lo? Mas se o senhor ainda não leu uma página!

— Não é preciso. Acho que o senhor deve, em primeiro lugar, integrar-se nas tradições de Hollywood...

★

Burt Lancaster estava examinando uma das raparigas que desejavam intervir no seu próximo filme. A candidata em questão era um pouco mais velha do que exigia o papel que queria interpretar.

— Quantos anos tem? — perguntou Burt.

— Tenho... Tenho... — começou a jovem a gaguejar

— Vamos, coragem! Pense que cada minuto que passa agrava a sua situação.



Um novo «SHANE»

O último filme de Burt Lancaster, «Duelo de Fogo», propôs-se estabelecer, numa tentativa semelhante à de «Shane», um novo padrão de medida dos grandes filmes do Oeste. A uma história intensamente dramática, alia um profundo estudo psicológico de tipos e um ritmo dos mais emocionantes. Burt contracena com Kirk Douglas, disputando Rhonda Flaming numa luta de excepcional interesse.

Convém recordar, a propósito, que não é a primeira vez que Burt Lancaster e Kirk Douglas — dois verdadeiros gigantes do cinema americano — trabalham no mesmo filme.

Em 1946, quando ambos iniciavam a sua carreira, a Paramount reuniu-os em «A filha do pecado», num drama de acção que já não corre no nosso país, e que foi destruído por ter expirado o contrato para a sua exploração.

N. 8

PREÇO 2$00

